



Ena pá 20 anos!

A vida de **Jesus** PÁG. 10

A história do **Diabo** PÁG. 24

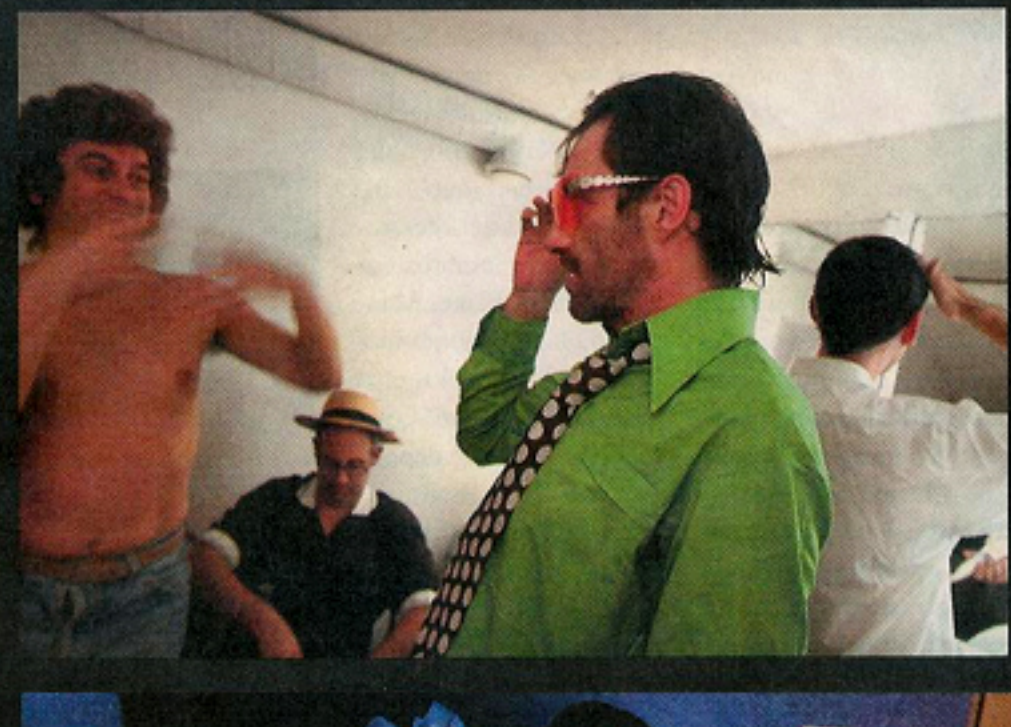
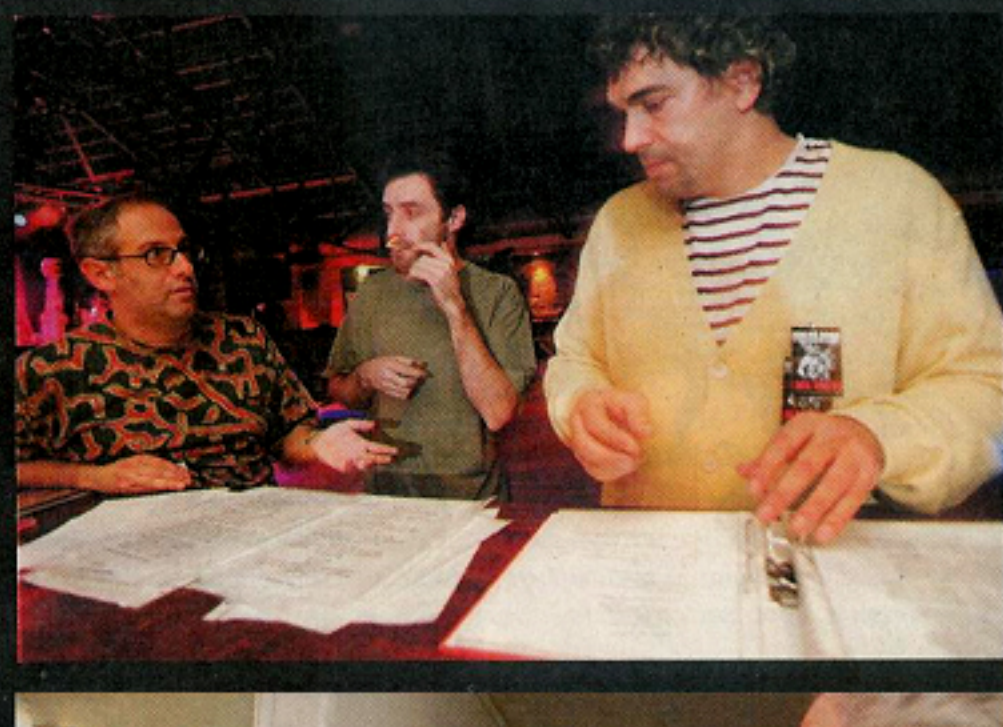
PÁG. 28

CONTRACORRENTE

A banda falhada

Tentaram ser a pior banda do mundo. Falharam. Após «20 anos a pedalar na bosta», os Ena Pá 2000 gravaram um DVD. E Vieira está em pré-campanha

REPORTAGEM DE CÉSAR AVÓ (TEXTOS) E JOSÉ VENTURA (FOTOGRAFIAS)



Ferro, Lucas e Vieira acertam pormenores (pág. anterior); as valquírias Mimi e Cláudia e a convidada especial Suzie (topo); a presença do baterista da formação original, Desirat (esquerda)

A poucos minutos das 17h vai grande a azáfama à porta do Garage. Estreita, a rua João Oliveira Miguens, em Alcântara, foi tomada de assalto pela produção do CD e do DVD do concerto dos Ena Pá 2000. Além da carinhosa de exteriores e dos trabalhadores que circundam à volta, a polícia delimitou a área de estacionamento. No interior da discoteca são poucos os músicos presentes.

Nada de espantar: o concerto, apazado para as 22h30, só se iniciará à meia-noite. Espantoso é o cuidado que o grupo devotou a este dia. Ensaíram várias vezes, definiram um alinhamento das músicas e cumpriram-no em palco. «Inédito», segundo a memória de Tita, «manager» dos Ena Pá. Eles, que fazem gala em não ter método, abriram uma excepção; afinal, não é comum o envolvimento de mais

de 100 pessoas, banda e convidados incluídos, num espectáculo filmado por sete câmaras. O último a chegar ao «sound-check» foi o líder do agrupamento, Manuel João Vieira. De garganta arranhada, nem por isso deixou de lançar algumas lanchas sobre Santana Lopes — tinha sido anunciada há pouco a dissolução do Parlamento — nem de assumir a batuta, tendo orientado o grupo e em parte

acompanhado vocalmente as músicas, bem como acertado os tempos de entrada em palco e os microfones a utilizar por cada convidado. No final do ensaio não acompanhou o grupo à cervejaria da esquina, tendo preferido rumar a casa para resguardar as cordas vocais. Após uma refeição entre o percussionista Francisco Ferro e os «roadies» João Sanpayo e João Alves (respectivamente

voz e baixo e guitarrista dos Peste & Sida) onde se falou de tendinites e da entorse da situação política portuguesa, o regresso ao Garage por entre as gotas da chuva serviu para testemunhar a fila que se formava para comprar bilhetes. Mais tarde, perante a lotação esgotada, os promotores do espectáculo decidiram repetir a dose na noite seguinte. A confraternização prosseguiu >>



As letras das músicas — alguns entre o satírico, o surreal e o grosseiro — são completadas em palco por uma atitude de diversão e darsão

>> nos dois camarins e no apertado corredor. Pedro Cavaleiro, Tony Barracuda em palco, o comediante de «peixes menestrados», perorava sobre a alienação do povo e citava Gore Vidal. Também havia conversas menos empenhadas política e filosoficamente mas, sobretudo, o ambiente predispunha. À meia-noite, as câmaras, omnipotentes, acompanharam a subida ao palco que em breve

se tornará exigua para albergar Lello (voz, guitarra e bandlelim), Nelo (baixo), Chiquito (percussão), Mendrix (guitarra solo), Lucas (teclas e acordeão), Beto (bateria), Rogério Correia (guitarra), Marco Alves (trombone), Paulo Muinos (saxofone), Nuno Reis (trompete), Mimi Fossard e Cláudia Brito (valquírias e vozes), Suzie Peterson (voz). O concerto começou com uma versão do Hino Na-

cional em solo de Mendrix, não foram esquecidos temas como «Sexo na Banheira», «Bahum», «Es Cruel» ou «Fim-de-Semana em Vizela» e terminou com o clássico «Marilú», 28 canções revisitadas em mais de duas horas. Pelo meio, o número de «strip-tease» de Gretty Star, a degustação de peixe cru de Tony Barracuda — extras típicos de uma noite dos Irmãos Catita — e o discurso do candi-

dato Vieira. Entre outras pérolas, afirmou: «Os outros fazem, eu prometo!». O público dividia-se entre incitar Vieira a candidatar-se a Presidente ou a primeiro-ministro e não aplaudiu e vibrou mais porque a temperatura da sala o desaconselhava. «Uma curtes», como dizia o baterista Beto em relação ao grupo. O DVD de, segundo o realizador Bruno de Almeida, vai estar à venda em Fevereiro e, além do

concerto e dos extras, tem um segundo disco com um documentário de 90 minutos sobre a pré-campanha eleitoral de 2001 com o candidato Vieira. Altura para se comprovar a teoria de Manuel João: «O que nos distingue das outras bandas é sermos uma banda de culto religioso. Temos o culto pela Nossa Senhora do Casal Ventoso. Somos movidos pela fé e não por interesses económicos». Amen.



CONTRACORRENTE

Manuel João Vieira

«Ou Lello Universal, Lello Minsk, Elvis Ramalho ou ainda Organismo Carlos, como criador de letras do último álbum, que também é artista plástico. É irmão de Erasmo e Roberto Carlos, grandes cantores brasileiros. Por outro lado não existe, é uma alucinação da mãe, ao contrário daquela coisa do Hitchcock». Assim se apresenta este artista multifacetado que fez dos Ena Pá 2000 a «extensão da enorme performance que é a vida dele». Como comenta João Lucas, filho do pintor Manuel Vieira, ele próprio erveredou arte plástica no grupo de artes integradas Homesteadicos. Num assomo de sobriedade, MJV explica que ambos os grupos surgiram na «mesma altura e partilharam de um contexto comum», mas esclarece: «Para além de eu e o Fernando Brito sermos compositores e autores das letras. Mas sempre distinguimos os Ena Pá 2000 como uma veia dionisíaca dos Homesteadicos». O vocalista e tocador de bandleim não consegue responder se pôr banda o objectivo de fazer a pior banda do mundo: «Mas o que é a melhor e a pior banda do mundo? Ao princípio tentámos fazer uma mistura de Monty Python com Frank Zappa, mas pior tocada porque nunca fomos muito bons músicos. Agora há bons músicos na banda, o que me chatela um bocadinho». O espectáculo recuperou a rábula do candidato Vieira e, apesar de que irá candidatar-se a Presidente da República, em 2006, após a pré-candidatura de 2001.

Francisco Ferro

«É para o suplemento do golfe?», atira Ferro. «Para o Actual, que giro! Nós é mais «Journal do Galato», «O Diabo», «O Dia», aparecemos em jornais «engagés». A par de Manuel João Vieira, é o outro elemento dos Ena Pá 2000 que tenta manter o sentido de humor mesmo fora de palco. Com Vieira, João Lucas e Manuel Duarte integrou a Banda Almôndega, na qual tocava adufe. Está nos Ena Pá 2000 desde o princípio. «Como isto é a ritmo turístico acaba por não cansar», comenta. No quotidiano já foi editor, hoje é professor do Ensino Secundário. «Não vou especificar de quê, deixo isso envolver em mistério». Trajado de «árbitro rural», de galochas, calções, camisola de árbitro, chapéu de palma e óculos escuros os seus alunos terão dificuldade em reconhecer-lo. Nos espectáculos e nos créditos dos discos que, com assume os alter-egos Chiquito, Ray Bonga ou Francis Ferrugem. A percussão e as bongas, além dos coros, são a sua especialidade. Da carreira dos Ena Pá apenas se queixa da má produção e do dinheiro por facturar. Sonhos não faltam: «Talvez o Manuel João Vieira um acidente de automóvel entretanto, é transformado num herói, é visitado por milhares de pessoas e a imagem vende milhões. Depois fazemos um disco tipo Queen, nós a tocamos com umas cassetes que apanhámos dele e fazemos um disco de natal com o espírito do gajo».

Manuel Duarte

«Por vezes fazemos uma coisa proposadamente má, mas há sempre alguém que nos ultrapassa. É difícil ser a pior banda do mundo», reconhece o homem que toca baixo desde os 17 anos com Vieira & Companhia, primeiro na Banda Almôndega, grupo de música popular portuguesa, depois nos Ena Pá 2000. «É uma questão de gozo continuar a tocar. Quando aparecemos ao grupo e a análise da crítica tem uma opinião convergente com a de Francisco Ferro. «Acho que fazemos um trabalho interessante, há pormenores e subtilizações musicais que os nossos críticos, não entendidos em questões musicais, passam ao lado, ficam na superfície, prestam atenção apenas às letras e se a melodia é simples ou não». Com Manuel João Vieira esteve no projecto embrionário dos Irmãos Catita (do qual Ferro faz hoje e Nelo — Os Irmãos Paralelo e actuavam no Cinearte. «Mais tarde entrou o João Leitão na guitarra e o projecto foi alargando. Acabei por abandonar por falta de tempo e entrou o Gimba para o meu lugar».

Filipe Mendes

Foi um achado o nome artístico que Manuel João Vieira lhe crismou. Phil Mendrix, homenagem a Jimi Hendrix e homenagem à «lenda viva» que é Filipe Mendes. Hoje prefere ser chamado pelo nome artístico, com o qual assinará o seu primeiro disco a solo. «Sou mais conhecido com este nome porque o público que me conhece era mais restrito e este dez anos nos EUA, perdeu-se o meu contacto». O público — já de alguma idade — conheceu-o à dos Chinchila, dos Psico ou dos Roxigénio (há dez anos, este último grupo fez a primeira parte do «merda concerto» dos Ena Pá no Pavilhão Carlos Lopes). Hoje, além de participar nos projectos de Manuel João Vieira, Phil Mendrix toca com os Sherr ou com o grupo rock mais antigo em actividade. O seu profissionalismo está à vista: é o primeiro a utilizar os camarins. «Gosto de chegar mais cedo, há pedais para montar, guitarras para afinar, entrevistas para dar!». O que distingue os Ena Pá 2000 de tudo o resto? «A irreverência, enfim, os palavrões que, no fundo, escondem um monte de mensagens. É um grupo onde me sinto bem, fazemos possíveis para tornar a vida mais fácil, não só na música mas no dia-a-dia. Com um currículo tão rico, por muitos considerado o melhor guitarrista português, vê-se na contingência de ganhar a vida ensinando a sua arte, não só de guitarra — «de vários instrumentos» — em quatro locais.

João Lucas

Na história ainda por contar deste grupo, outro houve que esteve na sua origem (a Banda Almôndega, de início formada apenas por João Lucas, Manuel João Vieira e o flautista Pedro Melo), que por sua vez conheceu uma «pré-história» portuguesa, obra e criação dos bananos «Joões», Lucas e Vieira. «Crescemos juntos, desenhamos e tocávamos os dois, eu piano desde muito cedo, ele guitarra como autodidacta. Fazíamos programas de rádio com um gravador de cassetes. Usávamos o «Frampont Comes Alive», muito em voga na altura, que era bestial porque tinha muitos aplausos. Utilizávamos um piano velhote, uns tambores e uma guitarra». João Lucas seguiu os estudos em piano e formou-se no Conservatório. Pianista, arranjador, compositor, tem seguido a carreira dos Ena Pá 2000 de perto e integrou a formação nos últimos anos. Tempo suficiente para um retrato da personalidade da formação: «Como músico há mais de 20 anos em várias áreas e contextos e como produtor, esta é uma situação *sul* política. É caótico. Não há método nem garantia de resultados, não há o mínimo de controlo ou estratégias. Quem faz as coisas é o Manuel João, que sabe o que quer fazer. Depois toda a gente faz um pouco de verdadeiro, cada um tenta fazer ver que a sua ideia é melhor do que a outra».

